



## **PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO: Experiência na Prática Docente**

JEANE CARNEIRO DA COSTA

### **RESUMO**

Este estudo tem por objetivo apresentar experiências vivenciadas em sala de aula com alunos do Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores de Goiana (F.F.P.G.), localizada na Zona da Mata Norte do Estado de Pernambuco/Brasil, nas disciplinas: Planejamento Educacional e Avaliação da Aprendizagem, trazendo em seu bojo o planejamento alicerçado na perspectiva do ato de ensinar como ação intencional e organizada pela qual se projetam os fins e buscam-se os meios para atingi-los; e a avaliação pautada na compreensão crítica do percurso de uma ação prolongada e subsidiada através do registro em <sup>1</sup>portfólio, construída na interação do saber e saberes da professora e dos alunos. O currículo escolar foi utilizado como pano de fundo, mediado por todos os conhecimentos advindos do cotidiano escolar, regulamentado através de políticas educacionais e dos saberes culturais, pedagógicos e curriculares. A intervenção pedagógica desenvolveu-se através de seminários, entrevistas, observações *in loco*, debates: todos relacionados com procedimentos didáticos referenciados na leitura seletiva, reflexiva e crítica; e na pesquisa bibliográfica durante todo 1º semestre do ano de 2008. Juntos, professora e alunos construíram a pedagogia do diálogo entre o planejamento: ato pelo qual decidiram o que construir, e a avaliação: ato crítico que nos subsidia na verificação de como estamos construindo o nosso projeto de formação profissional.

### **PALAVRAS – CHAVE**

Planejamento, Avaliação, Saber, Pedagogia

### **INTRODUÇÃO**

Este estudo é focado no planejamento e na avaliação no âmbito escolar, algo que na prática pedagógica atual tem sido objeto de indagações quanto à sua funcionalidade como efetivo instrumento de trabalho dos educadores, principalmente do professor. Muito tem se ouvido falar de planejamento; todavia, perpassam pelo referido tema, principalmente no cotidiano das escolas desacertos e acertos, entre o processo de articulação da teoria e da prática nos espaços escolares. Entre esses espaços encontra-se o Curso de Pedagogia que tem como princípio maior a formação de professores. Por ele, perpassa uma teoria da formação humana, uma teoria da ação coletiva; nele, encontra-se um currículo estruturado através de conhecimentos específicos e saberes sociais, pedagógicos, profissionais, culturais, enfim

---

<sup>1</sup> Procedimento de avaliação condizente com a avaliação formativa.



saberes plurais. Neste emaranhado de saberes visualiza a Pedagogia teoria do conflito da ação educativa, não apenas como ciência da prática, mas aquela que permite a construção da práxis pedagógica. Aqui mediada como:

... concretização de um currículo por meio das relações e ações que se dão entre os sujeitos em suas práticas: educadores (prática docente), educandos (prática discente) e gestores (prática gestora), mediados pelos conhecimentos, conteúdos pedagógicos (prática gnosiológica e / ou epistemológica) trabalhados no interior de um determinado contexto (ou entorno social) e institucional tendo como finalidade a formação humana dos sujeitos humanos nelas envolvidos. (SOUZA, 2007. p.200).

Importa observar que a Faculdade de Formação de Professores de Goiana (F.F.P.G.) é um dos locus de formação de professor privilegiado devido a Proposta Pedagógica / Estrutura Curricular do Curso de Pedagogia, autorizado através do Parecer CEE/PE, nº113/07, de 11/09/2007, aqui se destaca o papel interdisciplinaridade, bem como a intencionalidade da formação inicial. Portanto, é através da práxis pedagógica que o planejamento educacional e a avaliação da aprendizagem ganham força, eles fazem parte interativa do ato de ensinar e da atitude de aprender. Certamente traz em seus bojos outros fios condutores configurados nos atos: político, filosófico, social, técnico e científico: todos, repletos de intencionalidade; exige escolha, meios eficientes para se obter resultados. Sem o planejamento não é possível estimar metas, e sem metas, os objetivos não serão alcançados. Desta feita o planejamento não é um processo estático, mas dinâmico, onde podem ser redefinidos os objetivos. Isso significa que se deve planejar sempre questionando o modelo de sociedade para o qual se está planejando; conseqüentemente para qual modelo de educação, escola e de ensino esta a se planejar? Neste sentido, pode-se considerar a Avaliação da Aprendizagem como uma crítica ao percurso de uma ação planejada; ela, a avaliação, é um instrumento de liberdade, conscientização e compromisso para com o mundo. Nesses processos os saberes sobre Planejamento e Avaliação é uma rodovia de mão dupla; ambas, exigem rigorosamente o convívio com o poder da escolha e com tomadas de decisões. Mas, planejar sem avaliar é deixar lacunas profundas nos processos ensino-aprendizagem, é não enxergar resultados, não acompanhar o processo de desenvolvimento histórico de como ocorre à construção do conhecimento. Precisa-se buscar a interatividade entre esses processos, elaborar ponto de vista, permitir articulação entre os saberes de maneira pertinente a organização geral, constituir suas partes e subpartes, saber mobilizar os confrontos e criar diálogo em prol do processo de reinvenção permeada pela recongnição e ressocialização.



### **O ATO DE PLANEJAR, ATITUDE DE CONSTRUIR!**

O alinhamento conceitual deste estudo traz em seu bojo citações de alunos(as) da FFPG, as citações foram extraídas por ocasião das atividades desenvolvidas nas disciplinas Planejamento Educacional e Avaliação da Aprendizagem, ministradas no Curso de graduação de Pedagogia, durante o 1º semestre de 2008. Trazer as citações foi um exercício da transposição didática, ou seja, o ato de ensinar e aprender em prol do conhecimento, leva à necessidade de modificá-lo e essa modificação se transforma em objeto “ensinável”, (professora da disciplina). O exercício da reflexão da própria prática exige do professor a modificação do conhecimento e reconstrução do seu próprio discurso, bem como, novas formas de intervenções. Uma das atitudes “ensinável” foi aprender a ouvir os alunos (as), aqui fica explícito o esforço dos mesmos, de construir o que vem a ser, o conceito de Planejamento e Avaliação. Segundo uma aluna, *o ato de Planejar é privilégio de um determinado grupo técnico, jamais uma ação participativa e na escola cabe ao professor só executá-lo.* No entanto,

“O planejamento educativo não significa estabelecer o definitivo, através da determinação de finalidades educativas, as quais, por sua natureza, absolutizam os valores que o homem deve aceitar, sem possibilitar-lhe a própria escolha e a criação de novos valores... o planejamento educativo, embora parta de uma realidade e seja dirigido pelas normas e necessidades da sociedade, não pode estabelecer princípios mistificadores ou dominadores... o planejamento educacional não pode estar limitado por uma única visão individualista, que procure conformar o ser humano a um sistema de restritas visões, sem que as suas necessidades básicas sejam satisfeitas.” (Menegolla e Sant’Anna, 1991 p.25, 26, 27).

É bastante visível a lacuna existente entre a concepção de planejamento da aluna e do autor; percebe-se a distância entre a teoria e a prática, não só no fazer, mas acima de tudo, do conceito do que vem a ser planejamento educacional. Percebe-se também, que os alunos encontram-se em construção dos saberes pedagógicos, aqueles que favorecem a relação entre teoria e prática, próprios da ação formativa; a oportunidade de experimentar o exercício da ação- reflexão- ação e ao mesmo tempo, de interagir com outros conhecimentos de vida como: o hábito de ler e escrever textos com finalidades de comunicar, localizar, um ou vários dados concretos, além do enriquecimento do seu próprio vocabulário; as palavras ganham vida, significados; são incorporadas no mundo pessoal e ultrapassam os muros da Faculdade. Ao constituir o movimento da ação – reflexão – ação, abre-se espaço para outra discussão: a prática pedagógica, enquanto a capacidade de somar conhecimento, afetividade, criticidade,



respeito, ação exercida em conjunto. Nesta perspectiva, a escola é um espaço de negociação entre as diferenças e os diferentes, aqui, todos os alunos demonstraram razoáveis domínios frente à compreensão dos fatos e ideias, tanto no tocante aos saberes da prática, da formação e da construção dos conhecimentos científicos escolar. Conforme afirmava da aluna<sup>2</sup>: *então, na condição de sermos agentes de mudanças, somos capazes de conscientizar pessoas para desenvolver e construir conhecimentos mudando e transformando sua realidade educacional, social e econômica.*

“Esta mudança de percepção, que se dá na problematização de uma realidade concreta, no entrelaçamento de suas contradições, implica admirá-la em sua totalidade: vê-la de “dentro” e, desse “interior”, separá-la em suas partes e voltar a admirá-la, ganhando assim uma visão mais crítica e profunda da situação na realidade que não condiciona. Implica uma apropriação do contexto; uma inserção nele; um não ficar aderido a ele; um não estar quase sob o tempo, mas no tempo. Implica reconhecer-se homem. Homem que deve atuar, pensar, crescer, transformar e não adaptar-se fatalisticamente a uma realidade desumanizante.” (Freire, 1991 p.60)

Desse feito, cientes estamos da importância do ato de planejar e avaliar, mas como contextualizar esse “fenômeno”? Sim, um fenômeno, o agir que os articulam não é uma ato neutro, mas, historicamente construído no seio da escola em partes, fragmentado, embora, ambos sejam ações intencionais e ideologicamente comprometidas com o currículo, entendidos com o rol de todas as ações advindas do cotidiano escolar.

“A escola tem que ser um caminho para todos, ou seja, a escola tem que ser uma comunidade. Comunidade essa que está voltada para os alunos, professores, gestores, etc. O campo educacional é um espaço de todos. Onde todos estão “abertos” para colocar suas opiniões, decisões. Enfim, a escola é um meio em que todos têm o direito de colocar suas ideias em prática e fazer dela uma escola construtivista.”<sup>3</sup>(Santos, aluna do Curso Pedagogia do 1º semestre de 2008).

O registro das atividades elaboradas durante todo o período deu-se através de um portfólio entregue pelos alunos e considerado como exercício de conclusão das disciplinas, todos os registros se relacionam com conteúdos pertinentes ao Planejamento e a Avaliação, sem perder de vista, o processo de ação-reflexão-ação, enquanto uma ferramenta de AÇÃO, com movimentos próprios e características definidas como: prever, antecipar, mediar, transformar, dialogar, mudar, (mudar-a-dança). Vejamos citação da aluna em portfólio, o que reforça concepção acima citada:

“Ao iniciar a disciplina, pensava tolamente que avaliar era só elaborar uma prova de acordo com o comportamento da turma e seu nível de conhecimento e nada mais que isso; se o

<sup>2</sup> Aluna é professora do Ensino Fundamental – I trabalha na Rede Pública Estadual, depoimento registrado em Portfólio;

<sup>3</sup> Trecho extraído do Portfólio de Avaliação



desempenho do aluno não fosse satisfatório o responsável por isso seria o próprio, afinal eu sou a professora; detenho o conhecimento e a verdade e ele o aluno uma caixa vazia na qual depositamos informações, conteúdos e conceitos. Mas ao decorrer das aulas, chegamos à conclusão que avaliar não é simplesmente elaborar uma prova ou teste e dar uma nota, vai muito além do que isso, avaliar é instigar o aluno a construir seu próprio caminho, o qual será percorrido para que ele desenvolva seu conhecimento e competências.”

A essa aprendizagem chamo de significativa no sentido de aflorar a reflexão para os valores, crenças, ética, compreensão da visão intercultural. Portanto, nessa visão, o Planejamento é um dos processos educacionais e só será eficiente se a avaliação assumir o compromisso de ser emancipadora/libertadora.

## **METODOLOGIA**

O estudo em pauta é de caráter descritivo e exploratório em consonância com a abordagem qualitativa por encontrar-se ancorada no âmbito social e com problema que decorre pelos aspectos educacionais, culturais, tão peculiares e não quantificáveis. Traz em seu bojo as técnicas: a observação, a escuta e o registro de falas dos 72 alunos (02 turmas) no ambiente da sala de aula, realizando-se atividades individuais e em grupos. Foram ministradas 84 aulas, 06 seminários tendo como ponto de discussão os conteúdos: abordagem histórica do planejamento educacional, níveis de planejamento e suas relações, avaliação mediadora, avaliação do rendimento escolar, avaliação: mito e desafios, e o sucesso escolar através da avaliação. Além da realização de entrevista com 01 professora que leciona as disciplinas de História da Educação, Didática e Legislação Educação Básica Brasileira e um aluno com 12 anos de idade, estudante da 6ª série de uma Escola Pública Estadual. Outras atividades desenvolvidas foram seções de vídeos/filmes, tais como: Apresentação do DVD de Celso Antunes sobre a Avaliação da aprendizagem escolar; “O Sorriso de Mona Lisa” e análise do filme “Quem Mexeu No Meu Queijo”. Todos os recursos foram selecionados, com vista, a necessidade de mudanças que costumam ser traumáticas, porém necessárias para condução de novos rumos. Por ocasião da entrega dos portfólios foi realizado um debate, considerando a compreensão e a intervenção de uma realidade e a criação de espaço para autoavaliação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É chegada a hora da superação do educando receptor, para a edificação de um “outro educando” pleno em seu processo de desenvolvimento, ciente de suas competências pautadas



nos saberes representativos da linguística, do raciocínio lógico-matemático, da localização espacial, temporal e corporal. As competências aqui citadas estão alinhadas no educando como um ser capaz de apreciar, resolver situações-problemas, realizar intervenções utilizando recursos cognitivos, transformando informações em comunicação, enxergando o universo da aprendizagem através do erro que é o “primor” para o acerto. Portanto, a ação de planejar e avaliar aponta para o conhecimento da realidade do educando, do entorno da escola e a atualização dos conhecimentos, econômico, político, cultural, social, os quais se encontram inserido todos os autores, pois as ações PLANEJAR E AVALIAR tem a ver com o fato de pensar sobre o que já existe, sobre o que se quer alcançar, com que meio se pretende agir e os reflexos de apropriação individual do educando, bem como: as MUDANÇAS no conceito da cultura de um povo frente a uma perspectiva de uma educação emancipadora. Devo também confessar que essa experiência foi de uma aprendizagem singular na função da minha docência: dar e receber feedback é um espaço de construção contínuo, de enfrentamento entre o conhecimento empírico e o científico; são dilemas disciplinares e, acima de tudo, a quebra de paradigmas.

## REFERENCIA

**BOAS**, Benigna Maria de Freitas Villas. **Portfólio, Avaliação e Trabalho Pedagógico**. 4ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

**FREIRE**, Paulo. **Educação e Mudança**. 20ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994

**FREIRE**, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa**, 37 ed. São Paulo: Paz e Terra 2005.

**FREIRE**, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 44 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

**MENEGOLLA**, Maximiliano e **SANT’ANNA**, Ilza Martins. **Por Que Planejar? Como Planejar? Currículo-Área-Aula**. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

**SOUZA**, João Francisco. **E A EDUCAÇÃO POPULAR: ¿¿ QUÊ?? Uma pedagogia para fundamentar a educação, inclusive escolar, necessária ao povo brasileiro**, Recife: Bagaço, 2007.